

O MITO DO REI ARTHUR E SUAS INFLUÊNCIAS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Murilo Quevedo (UFRGS)

Os mitos se produzem a partir da tensão entre o real e o ficcional e têm suas raízes no território do real e do imaginário. Entre os mitos mais conhecidos e revisitados na atualidade está aquele ligado à figura do Rei Arthur. De acordo com Yara Vieira, (In: *A morte do Rei Artur*, 1992), “No século XII, [...], as histórias relativas ao Rei Artur já haviam evoluído e constituíam o *cânone* da cavalaria, então em plena ascensão.”. (grifo da autora).

De lá pra cá, foram muitos os autores que adaptaram as lendas Arthurianas em algum formato de mídia, recontando-o sob uma perspectiva. Nesse choque mito/realidade, percebemos que a mitologia diferencia-se da história quanto aos detalhes e apenas isso, e, mais ainda, cada vez que esse mito é recontado, surgem alterações nesses pormenores que acabam por não apenas modificar o mito, como gerar aquilo que Lévi-Strauss (1978) classifica como minimito, uma vez que a estrutura continua a mesma, mas o conteúdo da mesma pode variar, não sendo mais o mesmo.

Como a maioria dos mitos, a tradição Arthuriana cresce via literatura oral, há mais de mil anos e foi ampliando-se e englobando outras histórias de diversos países europeus, assimilando um pouco da cultura e dos costumes da época, até ser fixada na forma escrita por Sir Thomas Malory, no século XV. A compilação de Malory, feita em inglês médio, chamada *Le Mort, d'Arthur* foi revisitada e reinterpretada muitas vezes e por diversos autores, o que elimina a noção de que a partir do momento que a história é transcrita, ela não pode mais ser alterada.

Com o objetivo de identificar como uma mesma história, que vem sendo recontada em momentos diversos e regida por paradigmas diferentes pode revelar formas contrastantes de pertencimento ético, moral, filosófico e religioso, analisei duas narrativas das lendas Arthurianas: o livro de Thomas Malory, traduzido em português como *Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda* e o filme *King Arthur*, dirigido por Antoine Fuqua em 2004, privilegiando as diferenças nas percepções de mundo refletidas nas duas obras.

O LIVRO DE THOMAS MALORY

A fim de conhecer um pouco mais da obra busquei edições diferentes de mesmo título e autor. Li, portanto, uma adaptação voltada ao público infanto-juvenil, uma tradução em português, uma obra de mesmo título, mas de autoria anônima e uma versão traduzida do inglês médio para o inglês moderno. Dentro dessas obras,

descartei a adaptação infanto-juvenil de minhas análises, pois, considerando o público a qual era direcionada, a narrativa era escassa de dados, sendo insuficiente para comparação e servindo apenas para me apropriar do enredo.

Considerando as três obras com corpus maior para análise, percebi pequenas nuances entre elas, que me pareceram ser mais variações da tradução do que alterações no conteúdo da obra. Excetuando a narrativa anônima, o enredo é subdividido em quatro partes principais: “O Rei Arthur”, “Lancelot do Lago”, “Em busca do Santo Graal” e “A Morte de Arthur”.

Nessa primeira parte, a narrativa apresenta o Rei Uther Pendragon, o Mago Merlin e a relação entre esses dos personagens, explicando de onde surgiu a tutoria de Merlin sobre Arthur; como Arthur se tornou rei (a história da espada encravada na bigorna); o casamento de Arthur e Guinevere, seguida da criação da Távola Redonda, representando a igualdade entre os cavaleiros. Essa seria considerada a ‘Era de Ouro’ do reinado de Arthur, onde ele era o mais respeitado rei, casado com a mais bela donzela, dono de inúmeras riquezas e com bons cavaleiros ao seu lado.

Na segunda parte, o leitor é introduzido a Lancelot do Lago, que tem a fama de ser o melhor cavaleiro do mundo. Aqui, o foco muda e começam a ser apresentados os outros cavaleiros da Távola Redonda, os mais nobres e qualificados, por assim dizer. Então, além de Lancelot, surge a figura de Tristão, Bors, Palamidas e outros tantos. Pode-se considerar que o declínio do reinado começa aqui: o foco é dirigido aos demais cavaleiros e suas proezas em nome do Rei Arthur, que pouco participa das aventuras, mas é citado como respeitado e poderoso. É também nessa parte que Lancelot se apaixona por Guinevere e o triângulo amoroso desponta na história, bem como Tristão apaixona-se por Isolda, casada com seu tio.

Na terceira parte ocorre a maior das reviravoltas: Merlin está morto e os Cavaleiros da Távola Redonda partem em busca do Santo Graal, dando um viés cristão fortíssimo ao apresentar Galaad, filho de Lancelot e descendente de José de Arimatéia. As justas, torneios e feitiços dão lugar à religiosidade e o Reino de Arthur corre perigo.

Na quarta parte, e especificamente nessa, os três livros têm em comum. Lancelot não está mais na corte, assim como a maioria dos cavaleiros, enfraquecendo Arthur que é ameaçado por seu sobrinho Mordred. São chamados reforços, que chegam atrasados e o Rei Arthur vê-se obrigado a duelar, matando seu sobrinho, mas sendo vítima de um ferimento mortal. Assim seu corpo é levado até Avalon, onde desaparece nas brumas. A história termina e sua morte não é confirmada, subentendendo-se o seu retorno como aguardado.

Nos livros, pude perceber a temática do amor cortês, protagonizada pelos dois triângulos amorosos (Lancelot – Guinevere – Arthur e Tristão – Isolda – Rei Marc), mostrando também a fragilidade em que se encontrava a mulher nesse sistema. Notei também o desenrolar do processo de Cristianização da Bretanha que aos poucos substituiu a tradição pagã e consolidou uma relação Estado – Igreja no sistema feudal medieval.

KING ARTHUR, POR ANTOINE FUQUA

Apoiado na afirmação de que foram encontrados documentos que postulam a existência de Arthur, o filme tem um viés completamente diferente daquela retratada na obra de Malory. O personagem principal, Arthur, é romanizado, sendo conhecido como *Artorius Castos*, um oficial a serviço do Imperador e, acima de tudo, do Papa. Ele lidera um grupo de soldados/cavaleiros que prestam o mesmo serviço, sob as ordens de Arthur. São eles: Lancelot, Tristão, Bors, Gawaine, Galahad e Dagonet – os reconhecidos como os melhores cavaleiros, na obra de Malory.

Na produção cinematográfica, os soldados tem um último serviço a prestar para Roma, de maneira que quando solicitados outra vez, houve um atrito entre eles de maneira que o serviço só foi realizado por lealdade a Arthur.

O último serviço em questão era o resgate da população de um povoado próximo à fronteira do território bretão com a Escócia, onde viviam os selvagens *Woads*, que conhecemos hoje como Pictos. O grupo dos pictos era liderado pelo Xamã, Merlin. E, integrando as hostes pictas estava Guinevere. Além disso, o território Bretão estava para ser atacado pelos Saxões, que queriam conquistar a Bretanha e estavam fazendo com que os Romanos recuassem.

Guinevere tinha sido aprisionada na cidadela para onde se dirigia Arthur, que ao chegar lá, libertou os prisioneiros – demonstrando um senso de justiça de moral característica do código de cavalaria.

O filme culmina com uma batalha dos soldados de Arthur, desiludidos com o Império Romano e apoiados pelos Pictos contra os Saxões. A batalha em questão seria *The Battle of Badon Hill* e esse evento está registrado nos Anais da Páscoa, que seriam supostamente os documentos nos quais Antoine Fuqua se baseou para o filme.

De acordo com Jenkins (1994) os Anais da Páscoa eram tabelas de cálculos feitos para saber quando cairiam as festas móveis. Essas tabelas eram organizadas em colunas e em uma delas eram anotados os eventos de importância relevante.

No filme, depois de baixas no grupo, o batalhão de Arthur vence os Saxões e, após isso, Arthur casa-se com Guinevere (em Stonehenge) e se torna o Rei da Inglaterra. A produção em questão propõe uma retomada histórica, pertinente aos

eventos contemporâneos, especialmente quanto a questões de gênero, relações de poder e estudos de alteridade.

COMPARANDO OS LIVROS E O FILME

Ainda que não se possa afirmar a veracidade de um ou de outro, para quem conhece a história dos Cavaleiros da Távola Redonda, o enredo do filme é completamente diferente.

No livro, Arthur é filho de Uther Pendragon, nascido e criado na Bretanha e, ainda que seja incerto afirmar, há indícios de que Camelot seja Glastonbury, ou Somerset. No filme, por outro lado, Artorius é um oficial romano, que luta para manter o território bretão. Muito pouco é falado sobre suas origens.

Na obra de Malory, Merlin é um mago, filho íncubo de uma feiticeira e, após prestar favor ao Rei Uther Pendragon, clama pela tutela de Arthur, para ensiná-lo a ser um bom governante no futuro. Quando Arthur se torna rei, ele precisa ter, necessariamente, uma esposa e encontra em Guinevere a pessoa ideal para tanto. Guinevere é filha de um rei muito poderoso que tem admiração pelo jovem Rei Arthur. Na produção de 2004, contudo, tanto Merlin quanto Guinevere são pictos, de maneira que a influência mística do líder das hostes pictas foi muito mais presente para os 'selvagens', incluindo Guinevere, nesse grupo, do que para Arthur, de quem ele foi tutor.

Outro detalhe importante é o anacronismo de certos eventos do filme. Os cavaleiros mais prestigiados e talentosos de Arthur – Lancelot, Tristão, Bors – são retratados no filme como companheiros de longa data nas armas, planejando estratégias em uma mesa redonda, análoga a Távola Redonda e, depois da fatídica Batalha de Badon, Arthur vem a se casar com Guinevere. Outro fator importante de se ressaltar no filme é que em nenhum momento mostrou a proclamação dele como rei, mas a fala de todos os presentes no casamento foi "Vida longa ao Rei Artur!". Nas obras escritas, por outro lado, isso acontece ao contrário: Arthur casa-se com Guinevere e recebe a Távola Redonda de presente de casamento do seu sogro. Além disso, a Távola, com capacidade para 250 pessoas tinha sido presente de Uther Pendragon para o rei em questão. Por isso, para não desmerecer o Rei Arthur, além da gigante mesa, foi-lhe dado 150 cavaleiros para prestarem seus serviços ao Rei, sendo esses, portanto, os primeiros 150 cavaleiros da Távola Redonda. Depois houve o embate contra Lancelot, onde o Rei Arthur quebrou sua espada e recebeu Excalibur da Dama do Lago. Lancelot, posteriormente se uniu aos Cavaleiros, movido pela admiração que tinha pelo Rei Arthur.

Dadas essas e outras discrepâncias entre as duas narrativas, é impreciso dizer qual delas é mais próxima da história real e, mais ainda, se realmente é uma história real, o que me proponho a questionar no capítulo seguinte.

REI ARTHUR: MITO OU VERDADE?

Antes de tudo, é preciso contextualizar a Bretanha da época. Estima-se que Arthur tenha vivido no século V, aproximadamente entre os anos 450 – 530 d.C. Os reis da época diferem muito do conceito de reis que temos hoje. Na verdade, eles seriam o que hoje conhecemos como chefes de clã e sua autoridade era demonstrada no campo de batalha, onde quem tivesse mais sucesso, quem tivesse mais homens à disposição ou um clã maior, seria mais poderoso.

Foi por essa época que os Romanos se retiraram da ilha britânica, e que os Saxões começaram a invadi-la. As tribos deixadas nas pequenas comunidades existentes tiveram que defender seus territórios dos povos além das frágeis fronteiras, a contar: os Pictos, ao norte da Muralha de Adriano, os Scots, da Irlanda e os próprios Anglos, Saxões e Jutos vindos do continente.

Poucos são os registros que comprovam a existência de Arthur. Jenkins cita os Anais da Páscoa, encontrados na *Historical Miscellanny*, e um capítulo da História *Britonum*, de Nênio, onde na primeira o nome ‘Arthur’ aparece ligado à Batalha de Badon e, mais adiante, na Batalha de Camlann, citando, inclusive, Mordred. Essa seria, supostamente, a batalha na qual Arthur e Mordred duelaram até a morte. Ainda nas compilações de Nênio, há outra passagem onde são listadas doze batalhas lutadas por Arthur, das quais apenas duas ocorreram em locais identificáveis, o que aumenta as dúvidas acerca da lenda.

Nesses registros, todavia, Arthur não é chamado de rei, mas considerado um comandante, líder de batalhas, lutando contra a invasão desses povos. O próprio Nênio, em um capítulo de suas compilações, chamado *The Marvels of Britain* o chama de “simples soldado” (Jenkins, 1994).

Ainda que se considerem essas informações, contidas nesses documentos históricos, é ainda prematuro afirmar que Arthur realmente existiu e usar esses documentos como base para filmagens, dando novas perspectivas à lenda. Isso porque, numa das diversas batalhas contra os saxões, muitos registros se perderam, destruídos no caos da batalha, na época conhecida como os Anos Negros. Dessa fase, pouco sabemos, apenas por fragmentos de informação. Salientam-se os registros de um monge britânico, que viveu cerca de cem anos depois da retirada dos romanos, chamado Gildas, o Sábio. Os seus escritos, chamados *Liber Querelus*, são repletos de informações históricas. Nesse relato, o monge refere-se a um capitão

britânico que heroicamente se opõe às invasões, detendo o avanço deles, sem nomear esse capitão. Funck, inclusive, cita Churchill, dizendo que “o fato de Gildas não citar o nome desse capitão enseja o nascimento da lenda do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda,...” (FUNCK, 2012).

Ainda que os invasores do continente tenham prevalecido ou se misturado com reinos já existentes – criando novos, inclusive, a figura mítica de Arthur é lembrada como símbolo da resistência Bretã contra essas invasões, sendo ele real ou mítico. E esse símbolo ainda está presente nas evocações inglesas, como uma crença similar ao Sebastianismo português, de que o Rei Arthur voltará de Avalon para salvar os ingleses.

CONCLUSÃO E PREVISÕES

A pesquisa na qual esse trabalho se baseia está ainda em processo de coleta de dados. As comparações feitas nesse recorte permeiam duas das fontes que vêm sendo pesquisadas por mim. Contudo, a partir da análise dessas duas narrativas diferentes da lenda do Rei Arthur, e, principalmente, analisando com um viés crítico, contextualizado com as informações da época que supostamente ele viveu, me foi possível compreender o quanto a carência de informações colabora com a produção de artefatos que contam e recontam de diversas maneiras a lenda do Rei Arthur, uma vez que muito do que conhecemos sobre o Ciclo Arthuriano é baseado em poucos documentos, incontestáveis até então, e em várias suposições. Ainda assim, independente da maneira que a história é recontada, ou do gênero utilizado para tal, a lenda mantém-se viva nos dias de hoje, graças às inúmeras adaptações. De acordo com Funck:

Independentemente de Artur ter existido ou não, o certo é que as lendas arturianas já renderam milhares de páginas de literatura e inúmeras obras cinematográficas, sem falar na iconografia relacionada a esse lendário personagem. (FUNCK, 2012: 23).

A partir dessa análise, a intenção é utilizar esse escopo como meu Trabalho de Conclusão de Curso, visando analisar outras narrativas, de diversos autores, para comparar os elementos em comum e conhecer as discrepâncias entre uma história e outra. Assim, compreendendo as diferentes narrativas, tanto ficcionais, como históricas, a tendência é alcançar um denominador comum, onde a lenda esteja mais delimitada e, aproximando-se o máximo possível de uma história unificada.

REFERÊNCIAS

A MORTE do Rei Artur: Romance do Século XIII. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 243 p.

FUNCK, Élvio. *Breve História da Inglaterra*. Porto Alegre: Movimento, 2012. 407 p.

JENKINS, Elizabeth. *Os Mistérios do Rei Artur*. O Herói e o Mito reavaliados através da história, da arqueologia, da arte e da literatura. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1994. 202 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Porto: Edições 70, 1978. 81 p.

KING Arthur. Direção de Antoine Fuqua. Produção de Jerry Bruckheimer. Roteiro: David Franzoni. [s.l.], 2004. (146 min.), son., color. Legendado.

MALORY, Thomas. *O Rei Artur e seus Cavaleiros*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. 227 p. Tradução de: Pepita de Leão.

MALORY, Thomas. *King Arthur and his Knights*. London: Oxford University Press, 1975. 231 p.